

ENSAIO

## A situação política e a possibilidade da luta das classes nos EUA

*The political situation and the possibility of class struggle in U.S.A.*

John CATALINOTTO<sup>1</sup>

### Introdução

Pessoas de todo o mundo colocam aos analistas e aos marxistas dos Estados Unidos as seguintes questões: quais são as condições políticas e económicas hoje existentes no centro do imperialismo mundial? A eleição de Barack Obama mudou alguma coisa? Existe um movimento anti-imperialista que possa pôr obstáculos ao militarismo dos Estados Unidos? Há possibilidade de a classe trabalhadora dos Estados Unidos responder com luta de classes ao ataque desencadeado contra as suas condições de vida?

A poderosa máquina de propaganda imperialista, que tem influência mundial, faz parecer que não existe oposição dentro dos Estados Unidos e que nenhuma luta é possível. O que toda a gente vê nos filmes e na televisão dos Estados Unidos são pessoas que vivem muito confortavelmente em comparação com a maioria do resto do mundo. Mas essa imagem é uma distorção da realidade.

Neste encontro, vou tentar apresentar um quadro objectivo da situação nos Estados Unidos a partir

de um ponto de vista marxista. Isto inclui um resumo das novas guerras imperialistas que Washington comandou e alguma informação acerca do movimento anti-guerra. Também informação sobre a situação dos numerosos imigrantes dentro dos Estados Unidos da América. Destacarei algumas das forças pertencentes aos partidos das classes dirigentes – incluindo os Republicanos, os Democratas e o novo Tea Party – e mostrarei como certos sectores desta classe dirigente rica se tornaram ainda mais reaccionários. E descreverei a mudança nas condições materiais da classe trabalhadora e o que isso significa para a sociedade norte-americana.

Irei realçar a seguinte contradição: os trabalhadores nos Estados Unidos – especialmente trabalhadores de origem europeia – têm uma baixa consciência política e de classe como resultado dos últimos 70 anos de domínio imperialista mundial dos Estados Unidos, que permitiram aos capitalistas um domínio ideológico quase total nos seus países. A contra-revolução na União Soviética aumentou este controlo ideológico. Mas as condições de vida dos

trabalhadores estão a declinar rapidamente e a crise capitalista está a atirar milhões para a pobreza e miséria. E o imperialismo dos Estados Unidos é capaz de arriscar outra guerra no mundo, mais destrutiva ainda do que aquelas que leva a cabo no Afeganistão e no Iraque e na Líbia.

Enfrentar esta contradição, entre baixa consciência e condições objectivas, é um sério desafio para os marxistas e todos os progressistas no EUA.

### **Ocupações imperialistas, perigos de novas guerras imperialistas, papel da NATO**

De 15 a 19 de Maio de 2012, a NATO e o G8 vão realizar uma cimeira em Chicago, nos EUA. Trata-se de uma verdadeira concentração dos maiores opressores e exploradores imperialistas do planeta, que oprimem os povos de todo o mundo pela força das mais poderosas armas de destruição massiva. Estou contente com o facto de o movimento anti-imperialista, o movimento anti-guerra nos EUA estar a convocar um protesto contra a cimeira.

Os Estados Unidos e o Pentágono lideram o bando de gatunos que se reunirão em Chicago. Durante 74 anos - a partir da Revolução Bolchevista de 1917 até ao colapso da URSS e da Europa Oriental em 1991 - revoluções socialistas e lutas nacionais de libertação na Ásia, África, América Latina e no Médio

Oriente expulsaram em primeiro lugar os europeus e depois os imperialistas americanos. A lista dos crimes de Washington, levados a cabo tanto por governos Democratas como Republicanos, deve ser vista como resultado da tentativa dos Estados Unidos e dos seus pequenos parceiros da NATO de re-colonizarem o mundo após o colapso da URSS. Estes crimes incluem a ocupação da antiga Jugoslávia, as ocupações e guerras contra Iraque e Afeganistão e, mais recentemente, a guerra contra o povo da Líbia. A juntar a estes, temos o criminoso apoio imperialista ao estabelecimento de colonatos israelitas, contra o movimento nacional palestino e, igualmente, contra o movimento nacional libanês, e provavelmente contra o governo da Síria. Além disto, os Estados Unidos, com ou sem a NATO, estão a enviar a sua frota naval e os seus agentes subversivos para a América Latina e as Caraíbas.

Esta estratégia para reconquistar as colónias libertadas no período em que existia a URSS tem o apoio da maioria da classe dominante imperialista e do seu aparelho estatal, incluindo o Pentágono, a CIA e os demais instrumentos de poder, como o State Department (Negócios Estrangeiros).

Estas políticas têm custado trilhões (milhões de milhões) de dólares. Quando fracassam, provocam divisões no poder dominante. Mas o complexo militar-industrial, as gigantescas empresas petrolíferas e

os bancos continuam a encorajar as políticas mais agressivas e quase nenhum sector da classe dominante se opõe abertamente a elas. O apoio da classe dominante à invasão do Afeganistão foi unânime. Foi esmagador durante a preparação para a invasão do Iraque. Mesmo agora, o Pentágono e a classe dominante imperialista dos Estados Unidos recusam admitir a derrota, apesar da feroz e heróica resistência que a ocupação desencadeou dentro dos dois países.

Em relação ao Afeganistão, no princípio Washington apoiou grupos como a Al-Qaeda nos anos 80 contra as tropas soviéticas chamadas por um governo afegão progressista. Mais tarde, autorizou o regime militar do Paquistão a pôr os talibãs no poder. Os Estados Unidos, em 2001, um mês depois dos atentados do 11 de Setembro, invadiram o Afeganistão alegando como pretexto a *guerra ao terror*. A guerra dura já há dez anos, com mais de 1.000 soldados americanos mortos e não vai ficar por aqui. Apesar do seu reaccionário programa social, os talibãs deixaram de ser um governo impopular para serem agora uma força a liderar uma guerra de resistência do povo afegão.

As maiores manifestações contra a guerra tiveram lugar antes de ter começado a invasão do Iraque, em Janeiro e Fevereiro de 2003. Declinaram nos primeiros meses da ocupação. Mas ainda houve uma grande manifestação em Washington, em Setembro de 2005 – pouco depois

de o furacão Katrina ter destruído Nova Orleans. Este protesto reflectiu o sucesso da resistência iraquiana, que levou muitos a acreditar que poderia ser algo comparável à guerra contra o Vietnã. Nessa guerra, o heroísmo dos combatentes vietnamitas pela libertação, as significativas baixas entre os militares norte-americanos e o medo da incorporação forçada levaram a uma resistência maciça nos meios universitários e entre toda a juventude. Isso conduziu a uma maior resistência estratégica entre os soldados que começou a ameaçar a estabilidade das forças armadas dos Estados Unidos. E tudo isto aconteceu ao mesmo tempo que a luta da população negra pela igualdade e pela liberdade estava no auge e inspiravam todas as outras lutas.

Na primavera de 2006, depois do estranho bombardeamento da Mesquita Dourada no Iraque, os confrontos sectários enfraqueceram a resistência. As baixas das tropas norte-americanas diminuíram. E diminuiu também o movimento anti-guerra nos Estados Unidos.

No ultimo ano o movimento anti-guerra foi revitalizado após alguns anos de estagnação. A 9 de Abril de 2011, cerca de 10 mil pessoas marcharam em Nova Iorque, protestando contra as guerras no Afeganistão e no Iraque e contra a nova agressão da NATO à Líbia. Exigências anti-guerra foram também incluídas nos vários

protestos que se levantaram contra a austeridade nos orçamentos de dezenas de estados e cidades; grupos de jovens e trabalhadores montaram acampamentos, inspirados pelos protestos de massas em Espanha e encorajados pela resistência na Grécia.

A guerra da NATO contra a Líbia não levantou um movimento maciço, mas fez despertar um núcleo de oposição. A antiga congressista norte-americana Cynthia McKinney – uma mulher afro-americana que se candidatou à presidência em 2008 pelo Partido Verde – participou numa viagem por 27 cidades norte-americanas, em grande parte organizada pelo International Action Center (Centro de Acção Internacional), em que a verdade foi levada a um sector da população. A maioria destes comícios atraíram entre 200 e 500 pessoas. Muito do apoio veio da comunidade afro-americana, que conheceu bem a posição de princípio de McKinney contra o racismo e contra a guerra quando ela representou como congressista o povo do seu círculo da Geórgia.

### **A crise mundial capitalista e o impacto nos Estados Unidos**

O colapso da *bolha imobiliária* e do mercado financeiro, em 2008, deram início à presente crise económica. A subsequente crise, contudo, não é apenas financeira. É uma crise de sobreprodução, é sistémica, não recupera espontaneamente. Nem

reformas do sistema acabam com a crise. Nisto concordo com a apresentação do Fred Goldstein e com muitos dos economistas destacados que estarão presentes nesta conferência na universidade de Espírito Santo. Não preciso de repetir os argumentos.

Contudo, uma área que destacámos na nossa análise é o impulso mundial para diminuir os salários e eliminar empregos.

Desde o começo do capitalismo, a maneira mais eficaz para os capitalistas aumentarem os seus lucros à custa dos trabalhadores tem sido criar novas tecnologias que reduzam a necessidade de mão-de-obra, reduzam a competência dos trabalhadores ou acelerem os ritmos do trabalho. Nos últimos 30 anos, os capitalistas dos Estados Unidos têm vindo a conduzir os capitalistas de todo o mundo a investir em mais e mais tecnologia. Ao mesmo tempo, o número de trabalhadores disponíveis para a exploração imperialista aumentou de 1,5 para 3 mil milhões.

O resultado é que os trabalhadores produzem mais e mais produtos e serviços em cada vez menos tempo e com salários cada vez mais baixos. Este processo conduziu a crises cada vez maiores de sobreprodução. O patronato utilizou a tecnologia para criar uma competição mundial entre trabalhadores. Foram utilizados robots, computadores, satélites, a internet e softwares para acelerar os ritmos de trabalho e obrigar menos

trabalhadores a produzirem mais. Nos Estados Unidos, oito milhões de trabalhadores foram despedidos em ano e meio desde que começou a crise e mais ainda foram colocados em tempo parcial. Dois anos depois, as coisas permanecem na mesma. E pela mesma razão o sistema capitalista não pode começar de novo.

### **O papel do governo Obama**

A eleição de Barack Obama em novembro de 2008 suscitou muitas esperanças nos Estados Unidos e na Europa Ocidental de uma decisiva ruptura com a política externa agressiva do tempo de George W. Bush. O facto de Obama ser um afro-americano significou um grande salto em frente na política eleitoral dos Estados Unidos e teve um enorme impacto nos 35-40 milhões de afro-americanos. Até essa altura, parecia impossível que suficientes cidadãos brancos norte-americanos votassem num negro para Presidente dos Estados Unidos. Na Europa, a classe dominante e os seus partidos políticos esperavam que o novo governo os passasse a consultar, em vez de seguir em frente ignorando os sentimentos e opiniões dos outros, como o bando de Bush tentou. E elevaram Obama a um nível exagerado. Isto foi especialmente verdade com os Partidos Social-Democratas. Obama até recebeu um Prémio Nobel da Paz sem qualquer razão que o legitimasse. Passaram dois anos e nove meses. O ponto mais importante é que, seja

quem for o presidente e seja qual for o seu programa político, as decisões governamentais são limitadas pelo enorme poder do aparelho de Estado imperialista. Nós marxistas nunca devemos esquecer isto. De outro modo, o que é que nós aprendemos acerca do Estado capitalista? No tocante à política externa, isto significa que o Presidente tem de responder à Segurança Nacional, incluindo o Pentágono, a CIA, o Departamento de Estado, que consiste nas forças armadas e nos funcionários burocráticos que há décadas estão no poder. Os presidentes vêm e vão. O Estado e o seu aparelho ficam.

Como qualquer outra presidência dos Estados Unidos, a actual administração democrata está cativa da gigante máquina militar em política externa, como também está cativa de Wall Street e dos grandes bancos na política económica, e das grandes empresas petrolíferas na questão do ambiente. Em quase todas as questões, desde que assumiu a presidência, Obama nem sequer tem defendido as brandas posições progressistas que fizeram parte da sua campanha. Todavia, a equipe de Obama tem menos autoridade do que, por exemplo, teve a administração de John F. Kennedy ou de Franklin D. Roosevelt, pois estes dois pertenciam a famílias da classe dominante e tinham a sua própria organização política.

O Pentágono mostrou que ainda controla as políticas de guerra quando, no Verão e Outono de 2009,

a administração reviu as suas políticas em relação ao Afeganistão. A meio da revisão, o General Stanley McChrystal desafiou o presidente ao afirmar publicamente que uma escalada na guerra era absolutamente necessária. Isto tirou o tapete debaixo de Obama. Depois, o presidente autorizou o envio até á 100 mil tropas na Afeganistão, triplicando assim o número que Bush tinha lá colocado, e recebendo em troca apenas um compromisso questionável do Pentágono de que os EUA começariam a retirar no início de Julho de 2011. Qualquer diminuição da presença dos EUA no Afeganistão ou no Iraque que ocorra deve-se ao falhanço das ocupações e ao peso enorme no orçamento nacional, e ainda não ocorreu. Entretanto, sob a administração Obama, os EUA expandiram a sua intervenção no Paquistão, atacaram por via remota alvos no Iémen e na Somália, e abriram uma nova guerra da NATO, esta em África, contra a Líbia. Também ameaçaram confrontos armados contra o Irão e a Republica Popular Democrática da Coreia, e realizaram subversões contra a Venezuela, a Bolívia e o Equador. Obama nomeou o General David Petraeus, do Pentágono, como chefe da CIA. O Pentágono e o complexo militar mantém-se no comando.

### **Imigrantes levam 1.º de maio aos EUA**

Nos primeiros anos deste milénio, quando Bush era presidente, havia pelo menos onze milhões de pessoas, principalmente trabalhadores jovens,

que estavam nos EUA ilegalmente, a maioria a trabalhar com baixos salários e a contribuir para uma economia em crescimento. Estes trabalhadores, a maioria vindos do México e restante América Latina, mas incluindo muitos vindos da Ásia e de África, viviam em constante medo de deportação, separados das famílias.

Quando a Câmara dos Representantes deixou passar a lei anti-imigrante designada por HR4437, em Dezembro 2005, os reaccionários que a propuseram não imaginavam que isso iria desencadear um poderoso movimento que abalaria o situacionismo e inspiraria a classe trabalhadora.

Nunca houve na história dos Estados Unidos um 1.º de Maio como o do ano 2006. Cerca de três milhões de trabalhadores imigrantes não se apresentaram ao trabalho, fecharam as lojas e desfilaram com as respectivas famílias e apoiantes em pelo menos 60 cidades em todo o país exigindo a legalização do direito de permanecer e de trabalhar no país.

Como parte da sua estratégia anticomunista, o governo dos EUA há muito que transferiu o feriado do Dia do Trabalhador para o início de Setembro, de forma a separá-lo do feriado do Dia Internacional do Trabalhador. Como o 1.º de Maio não é feriado nos EUA, isso significa que quem não vai trabalhar para participar na manifestação está

também em greve. Em muitas cidades os grupos de imigrantes apelaram também ao boicote ao consumo nesse dia. Assim, pela primeira vez na história dos EUA, houve não apenas manifestações de massas mas também um boicote e uma greve geral parcial no 1.º de Maio.

Longe de resolver o problema, a administração Obama ainda não criou qualquer via para normalizar os estatutos dos imigrantes. Além disso, mais de um milhão de imigrantes foram deportados desde que Bush saiu e Obama ocupou o cargo, com as deportações a ocorrerem a um ritmo mais rápido do que durante a administração de Bush. Juntamente com a deportação massiva e a militarização da fronteira EUA-México, tem-se verificado uma onda de legislação anti-imigração a atingir vários estados, com a maioria das propostas anti-imigração a serem aprovadas na Geórgia e no Arizona.

Um importante passo em frente foi dado no Primeiro de Maio de 2011 quando organizações laborais se juntaram às organizações de imigrantes em muitas cidades para celebrar o Dia Internacional do Trabalhador, dia Primeiro de Maio, por todo o país. Organizaram-se manifestações a exigir a legalização dos imigrantes e o fim das perseguições aos sindicatos e dos ataques aos trabalhadores, incluindo a impiedosa legislação anti-trabalhadores e anti-imigrantes previamente referida.

Numa das maiores manifestações da história do Wisconsin, mais de 100 mil pessoas participaram este ano no Primeiro de Maio em Milwaukee. Foi a maior das marchas realizadas e Richard Trumka, presidente da AFL-CIO, veio até ao Primeiro de Maio de Milwaukee para mostrar a unidade com a luta dos trabalhadores imigrantes e com a luta contra as perseguições aos sindicatos no Wisconsin. Não foi por acaso que a maior manifestação se deu no Wisconsin, que tem sido o centro da resistência espontânea de base popular. Mas falamos disso mais tarde.

Despedindo trabalhadores, baixando os salários e acelerando a produção, os patrões estão a fazer contrair o mercado capitalista. Nos Estados Unidos, apenas os vários subsídios e os pacotes de estímulos afastaram o sistema de colapso total. Por outras palavras, o próprio sistema de lucro não pode criar empregos com salários decentes. O capitalismo chegou ao mesmo beco sem saída que viveu em 1929 e na Grande Depressão. O sistema de lucro está a arrastar a sociedade para o fundo e também a classe trabalhadora, assim como representa uma ameaça para o meio ambiente do planeta.

O sistema capitalista não faz mais do que agravar o desemprego e aumentar as hipotecas das casas, a pobreza e os sem abrigo. Altos níveis de desemprego, acrescidos de situações de precariedade,

mostraram-se duradouros nos Estados Unidos no ano passado, atingindo os 17 por cento, ou seja, um em cada seis trabalhadores. O desemprego entre os afro-americanos e entre os trabalhadores e trabalhadoras latinos são o dobro dos trabalhadores brancos. Mas, cada vez mais, trabalhadores brancos estão também a ser varridos para a situação de desempregados. Em números, são 30 milhões de trabalhadores precários ou desempregados, dos quais 15-16 milhões são trabalhadores brancos.

É semelhante o número de pessoas a viver na *pobreza* conforme definiu o Gabinete do Censo dos Estados Unidos. De 2008 até 2009, deu-se o maior incremento anual desde que são feitos registos, isto é, desde 1959. Nos Estados Unidos, mais que uma em sete pessoas vivia na pobreza em 2010, ou seja, 46,2 milhões de pessoas, um aumento de mais que 6 milhões em cima dos 39,8 milhões existentes em 2008. Tal como com o desemprego, também a pobreza é desproporcionalmente elevada entre trabalhadores negros e latinos. É também mais elevada nas mulheres de todas as nacionalidades. Todavia, o número de brancos a viver na pobreza aumentou de 17,0 para 20 milhões durante esses dois anos ([www.census.gov](http://www.census.gov)).

Este é, portanto, o impacto da crise sobre os trabalhadores nos Estados Unidos: cada vez mais trabalhadores são lançados na miséria, com um impacto maior nas mulheres e nos

trabalhadores de nacionalidades oprimidas dentro das fronteiras dos Estados Unidos - permanece o impacto histórico do racismo; mas, ao mesmo tempo, há um grande incremento do desemprego e da pobreza entre trabalhadores brancos, o que não acontecia desde 1940.

O desemprego, juntamente com o colapso do ramo imobiliário, levou a que milhões de famílias perdessem as suas casas devido ao não pagamento das hipotecas. A crise económica agravou ainda mais a desigualdade, já por si crescente, entre ricos e pobres, de tal modo que os 0,1% da população de rendimentos mais altos - que representam 150 mil pessoas, das 150 milhões activas economicamente - têm rendimentos que representam 10% dos rendimentos totais. Em 1975 este valor era apenas 2,5%. Os 0,01% com rendimentos mais altos, que representam apenas 15 mil pessoas, recebem 5% do rendimento total, ou uma média de 27 milhões de dólares por ano. A riqueza total é ainda mais concentrada no topo. Entretanto, cada vez mais milhões estão dependentes de cupões de comida dados pelo governo ou de caridade de cozinhas públicas para atenuar a fome. Na área sensível da saúde, o número de pessoas sem qualquer tipo de seguro privado ou público cresceu de 46 milhões para 51 milhões em 2009, e ainda não foi reduzido, mesmo com a aprovação da lei de saúde nacional.

Enfrentando uma crise capitalista sem precedentes, os banqueiros e comerciantes viraram-se para a direita, tal como na Europa. Os políticos espremeram os trabalhadores para safar os bancos e manter os lucros a fluir. Em vez de chegar a acordo com Obama, a minoria republicana bloqueou qualquer programa que desse ajuda aos pobres, a menos que desse também dez vezes mais aos ricos. Elementos abertamente racistas, indignados com a eleição de um negro para presidente, inspiraram a criação do Tea Party. Estes focaram os seus ataques em Obama, como indivíduo. Até a mais ténue intervenção do governo em nome dos pobres, ou para regulamentar as corporações, ou para proteger o ambiente, levou o Tea Party a chamar *socialista* a Obama. Até dizem que Obama não nasceu nos EUA. Os média associados a corporações deram larga cobertura favorável ao Tea Party.

O Tea Party é uma continuação da racista "estratégia sulista" dos anos 60 e 80 que tinha como fim fornecer uma base de massas ao Partido Republicano da elite da classe dominante, por natureza anti-popular. Financiado por fundos maciços de bilionários de direita, o movimento Tea Party era principalmente composto por elementos da classe média (atraindo atrás deles algumas camadas da classe trabalhadora) que estavam seriamente preocupados com a segurança económica na prolongada

crise. Mas, em vez de culparem os banqueiros de Wall Street e as grandes empresas por terem causado a falência da economia capitalista, dirigiram a sua raiva e o seu medo contra as classes situadas abaixo deles na escala económica. Ao fim e ao cabo, o agrupamento do Tea Party (não constitui um partido unificado) está a reunir forças de anti-imigrantes, racistas, anti-gays e sentimentos de anti-união. No seu extremismo, os líderes do Tea Party têm frequentemente conflitos com os seus próprios criadores agrupados no Partido Republicano.

Assim, o movimento do Tea Party, se por um lado teve êxito ao conseguir uma base de massas para o Partido Republicano, noutros casos agiu ao contrário e mordeu na base desse partido, afastando sólidos apoiantes do Partido Republicano em algumas eleições primárias no Novembro do 2010. Pelo seu lado, a direcção republicana não tem escolha possível que não seja aceitar o extremismo do Tea Party nas suas fileiras se quiser correr com os Democratas.

O movimento do Tea Party teve o seu maior impacto ao protestar nas ruas contra o programa de saúde de Obama, durante o Verão e Outono de 2009. No Verão de 2010 o Tea Party já não saía tão regularmente às ruas, estando mais integrado na direita eleitoral do Partido Republicano.

O desenvolvimento da crise económica irá determinar a direcção que o movimento do Tea Party

tomará. De momento, a classe média do Tea Party, está preocupada mas não totalmente arruinada. Por isso, o que é mais provável é que permaneça como um apêndice incómodo no Partido Republicano. Mas se a crise económica se aprofundar ao ponto de destruir verdadeiramente os seus investimentos, as suas pensões e os seus negócios, o Tea Party poderá, com o apoio da classe dominante mais à direita, tornar-se num partido independente. Embora haja um forte cheiro a fascismo emitida por todos os agrupamentos do Tea Party, ainda não estão organizados como uma ameaça física para a classe trabalhadora e povos oprimidos.

### **Possibilidades de reconstrução da luta de classes**

Houve uma grave perda material para o conjunto da classe trabalhadora nos Estados Unidos. Não houve nenhuns melhoramentos desde meados dos anos 70. A única razão que fez manter os rendimentos familiares foi o facto de milhões de mulheres terem entrado na força laboral, pelo que presentemente as mulheres estão em maioria. Houve também uma quebra na inscrição sindical, na média salarial e nos subsídios de desemprego. Estas perdas aceleraram no século XXI e aumentaram ainda mais desde 2008.

O Estado mais atingido pela crise capitalista foi o Michigan, centro da indústria automóvel. Os trabalhadores sindicalizados na UAW tinham, antes, um rendimento

relativamente bom e seguro. Desde 2000, a média anual do rendimento familiar no Michigan diminuiu 12.000 dólares anuais, ou seja, 21%. Centenas de milhares de pessoas perderam as suas casas ou têm-nas em risco.

O Pacote de Estímulos de Obama, em 2009, ajudou a revitalizar a indústria automóvel – que por sua vez reduziu salários e diminuiu a força de trabalho, tornando-se novamente lucrativa – e subsidiou o orçamento de estado durante dois anos. A Bolsa de Valores e os bancos ganharam, a economia *recuperou*, mas foi uma recuperação sem repor empregos ou aumentar salários. Agora os orçamentos subsidiados acabaram e os governos locais e dos estados estão a cortar em serviços sociais e a despedir empregados ou a forçá-los a reformas antecipadas e a cortar nas suas pensões. Há um ataque generalizado a trabalhadores públicos e professores em particular, e uma tentativa de desfazer os sindicatos dos trabalhadores públicos e impedi-los de representarem os trabalhadores.

Em Fevereiro, o novo governador de Wisconsin de direita, apoiado pelo Tea Party, Scott Walker, introduziu uma lei que não só corta serviços sociais mas também elimina negociações colectivas por parte dos trabalhadores públicos. Estabelece as mesmas disposições da chamada “lei do direito ao trabalho” que prevalecem nos estados do sul.

(A chamada *lei do direito ao trabalho* significa, de fato, um incentivo a que os trabalhadores não se filiem num sindicato, o que, nas condições actuais, torna quase impossível formar sindicatos no Sul dos EUA.)

A coberto de cláusulas orçamentais, 800 milhões de dólares ou mais serão retirados de serviços sociais, incluindo educação, saúde pública, assistências alimentares e obtenção de casa. Centenas de milhões de dólares serão dados aos ricos em reduções de impostos e contratos.

Colocados entre a espada e a parede, os sindicatos dos trabalhadores públicos no Wisconsin retaliaram. Estudantes a lutarem contra cortes nas universidades tomaram a iniciativa e invadiram o Capitólio do estado em Madison. A mobilização de 4 meses dos trabalhadores do Wisconsin foi uma das maiores demonstrações de força e de organização por parte dos sindicatos em décadas. Mostrou uma forte solidariedade, nacional e internacional, e um aumento do apoio público aos sindicatos. Também reflectiu os efeitos da revolta do mundo Árabe, uma vez que os trabalhadores e os estudantes usaram t-shirts em Madison que diziam: *Marcha como um egípcio* (com o significado de *Levanta-te pelos teus direitos e arrisca lutar contra a tirania*).

Os 18 dias de ocupação do Capitólio e de protestos de massa atingiram o seu pico a 12 de Março, quando umas

185 mil pessoas rodearam o Capitólio em Madison.

Perante isto, como pode um conjunto de leis impopulares impor-se a milhões de pessoas?

Não é tarde demais para fazer estas perguntas. Um capítulo da luta de Wisconsin pode ter sido concluído, mas os ataques persistem. A possibilidade de se reabrir a batalha pode voltar em breve.

A resposta breve é que a luta tinha que passar de uma pressão puramente política de manifestações de massa, para a luta de classes directa, em que o governo, empresários e banqueiros teriam que parar o seu ataque aos trabalhadores ou teriam de pagar um preço elevado.

Grande entusiasmo e esperança ocorreu quando a Federação dos Sindicatos Centro Sul de Wisconsin, que representa 45 mil trabalhadores, votou a favor das medidas tomadas pelos sindicatos para se preparar uma greve geral se a lei fosse aprovada. Esta votação ocorreu depois de uma manifestação de 100.000 pessoas, dois dias antes, no Capitólio.

A notícia de uma greve geral em Wisconsin afectou o movimento operário do país. Muitas vezes, grupos radicais exigem que o movimento sindical convoque uma greve geral sem levar em conta as condições reais. Mas, pela primeira vez em muitos anos, pareciam estar

criadas estas condições e até mesmo uma importante federação sindical discutiu o assunto.

Infelizmente, as coisas estão agora mais sossegadas no Wisconsin e os sindicatos estão ocupados em forçar uma eleição especial para revogar o cargo de Walker, isto é, pô-lo na rua antes de terminar o mandato. Mas isto é um exemplo do que pode ser possível em condições ainda mais difíceis que a população trabalhadora certamente enfrentará nos próximos anos. Como sou um optimista, conto com o desenvolvimento de um amplo movimento de massas que junte as organizações laborais e as comunidades para lutarem, não apenas para defender os trabalhadores e os pobres, mas também para travar a tentativa das grandes potências imperialistas para recolonizar o mundo.

### **Apoiar a greve de fome dos presos!**

Gostaria de dar atenção a um sector especial do proletariado dos EUA: os que estão presos.

As prisões norte-americanas de Abu Ghraib, no Iraque, Baghram, no Afeganistão, e Guantânamo, no território cubano ocupado pelos EUA, ganharam notoriedade para todo o mundo pelo comportamento brutal e criminoso levado a cabo pelo imperialismo norte-americano contra os que ele considera os seus inimigos externos. Este comportamento não constitui uma aberração. Ele é tão *americano* como a "tarte de maçã".

O heroísmo de mais de 6.600 prisioneiros californianos mostra ao mundo a crescente tortura prisional doméstica, prova clara da crueldade e da perversão norte-americana.

Só a luta pode trazer esta verdade para a luz do dia. Os presos da unidade de detenção de segurança de Pelican Bay iniciaram em 1 de Julho a única ação possível para os que estão presos e isolados: a greve de fome. Mantiveram este protesto por mais de duas semanas.

O protesto espalhou-se a outras prisões e a instalações de segregação de toda a Califórnia. Estendeu-se à população prisional em geral, mobilizando os mais de 2,3 milhões de presos de todo o país. A sua coragem desencadeou acções de solidariedade em dezenas de cidades entre os que não estão atrás das grades neste país aprisionado.

As leis norte-americanas são cruéis: uma em cada 131 pessoas estão atrás das grades, muitas delas com longas penas. São racistas: os homens brancos detidos são um em cada 138; o que é muito mau; mas os homens negros detidos são mais do que um em cada 21.

No topo da crueldade e do racismo, as prisões norte-americanas estão em competição directa com Guantânamo. Elas acrescentam aos espancamentos e ao aniquilamento físico as torturas especialmente cruéis do isolamento e da privação

sensorial. Tal como em Abu Ghraib, o propósito da tortura praticada nestas unidades é quebrar os presos e forçá-los a acusar outros presos. E os que cedem ficam ainda mais isolados.

É espantoso e inspirador que os presos tenham levado a cabo esta ação corajosa. Mas o caminho não é fácil. As suas saúdes e as suas vidas estão em perigo.

Todos nós recordamos muito bem o que aconteceu aos presos turcos em greve de fome contra o isolamento há alguns anos atrás, e aos lutadores irlandeses pela liberdade nos anos 1970. Muitos perderam a vida mas não cederam. A maldade e a intransigência da burocracia prisional da Califórnia coloca os actuais grevistas da fome em risco de vida.

As exigências dos presos são claras e justas. O seu objectivo é pôr fim à tortura física e psicológica nas instituições prisionais. Os presos precisam da solidariedade dos que estão cá fora; e os que estão cá fora precisam do exemplo de coragem e de solidariedade dos presos. Tal como os presos de Attica, em Nova Iorque, fez 40 anos em 9 de Setembro, eles estão a mostrar o que os trabalhadores e os povos oprimidos podem fazer nas mais difíceis circunstâncias, e a dar um exemplo para as lutas das classes trabalhadoras que vierem a despertar num futuro próximo.

A greve terminou no final de Julho com um acordo. As últimas notícias dão conta de que os presos estão descontentes com facto de as autoridades prisionais desrespeitarem o acordo. E planeiam voltar à greve em 26 de Setembro.

### **Verizon**

A greve convocada no passado dia 7 de Agosto pelos sindicatos dos Trabalhadores de Comunicações da América (CWA) e a Irmandade Internacional de Trabalhadores do Sector Eléctrico (IBEW) na Verizon, prossegue.

A paralisação envolve cerca de 45 mil funcionários da companhia de telefone fixo e móvel norte-americana em todo o país, numa grande demonstração de unidade e disponibilidade para a luta por parte dos trabalhadores, informa o Workers World.

Os trabalhadores da Verizon exigem que a administração seja séria nas negociações do contrato colectivo, reivindicação partilhada pelos cerca de 15 mil subscritores de uma petição pública de solidariedade. Outras organizações representativas dos trabalhadores anunciaram, igualmente, que os seus filiados não vão romper os piquetes de greve da Verizon.

Em causa está a tentativa de imposição por parte da empresa de novos vínculos com muito menos garantias e uma redução nos salários

na ordem dos 20 mil dólares/ano por trabalhador. A Verizon pretende eliminar cerca de 100 itens contratuais, alguns dos quais com mais de meio século.

A empresa privada alega dificuldades face à crise, mas no ano passado manteve lucros na ordem das centenas de milhares de dólares e beneficiou de isenção de impostos federais e benefícios orçados em milhares de milhões noutras taxas.

Tanto no ano passado, como este ano, no décimo aniversário dos ataques de 11 de Setembro de 2001, organizações direitistas fizeram mobilizações contra a nossa comunidade muçulmana.

Em resultado dos esforços de emergência para a defesa do direito da comunidade muçulmana nos Estados Unidos construir um Centro Islâmico na proximidade do *World Trade Center*, juntaram-se milhares de pessoas no Parque da Câmara, perto do *World Trade Center*, no dia 11 de Setembro, mostrando a sua solidariedade com a comunidade muçulmana e condenando o racismo e o fanatismo fomentado pela direita.

Esta iniciativa foi extremamente importante por unir a esquerda. O resultado foi que a manifestação pró-união ultrapassou enormemente a ação altamente publicitada e financiada do Tea Party, que protestava contra o centro comunitário. Um ponto importante foi os organizadores terem recusado a imagem apresentada pelos média do sistema de que as massas se opunham ao centro islâmico, sustentando uma oposição directa contra essa imagem e vencendo esta batalha.

Como podem ver, a luta está numa fase inicial. A crise capitalista está a criar terreno fértil para o renascimento do marxismo. A luta pelo socialismo e a abolição do capitalismo requer a construção de um partido revolucionário dos trabalhadores, mergulhado na teoria marxista e imbuído com o espírito revolucionário. Todas estas lutas mostram que existe a possibilidade de a classe trabalhadora dos Estados Unidos restabelecer o marxismo, lutar contra o racismo, a opressão nacional, pelos direitos dos trabalhadores e contra as guerras do imperialismo.